

11/10/93

1.º aniversário do Acordo de Paz

Lança e Arco quebrados numa prova de boa vontade

A Igreja Católica moçambicana, associada a diversas confissões religiosas, deu o tom às comemorações em Maputo, do primeiro aniversário da assinatura em Roma, do Acordo Geral de Paz (AGP).

Tanto o Governo, com o presidente Joaquim Chissano, como a Renamo, através dos seus principais dirigentes na capital do País, participaram na cerimónia que tomou a forma de uma «oração inter-religiosa», promovida pelas diversas confissões moçambicanas.

O representante especial da ONU, Aldo Ajello, os principais funcionários das

Nações Unidas em Moçambique e o Corpo Diplomático, também estiveram em peso no evento.

Foi visível a dominante católica das celebrações em Maputo, organizadas pela Conferência Episcopal e pela Comunidade de Santo Egidio sob o signo de «nunca mais a guerra».

A comemoração do primeiro ano de paz em Moçambique, concidiu com um momento em que a incerteza continua a pairar sobre o destino do processo de paz, não se sabendo ainda quando começará o acantonamento e desmobilização das tropas dos dois lados.

Apesar de convidado pelos organizadores da «Oração» para estar em Maputo, o líder da Renamo, Afonso Dhlakama, preferiu ficar na sua base central em Maringué, onde «dirigiu» um comício para expor as posições do seu movimento, segundo declarou Vicente Ululu, secretário-geral da Renamo.

No entanto, numa prova de boa vontade, Raúl Domingos, chefe do Departamento Político da Resistência Nacional Moçambicana, e Armando Guebuza, ministro dos Transportes, ambos chefes das delegações à Comissão de Supervisão e Controlo, quebraram sim-

bolicamente uma lança e um arco, que depois deitaram ao fogo, como sinal da vontade de paz.

Cerca de sete mil pessoas, muitas das quais simples mirões, assistiram na Praça da Independência, em Maputo, à «Oração», que além de diversos actos religiosos realizados em separado e conjunto por cristãos, muçulmanos, hindus e judeus, compreendeu discursos de Chissano e de Ululu.

A maioria dos habitantes da capital preferiu no entanto utilizar a tolerância de ponto concedida pelo Governo para descansar e sair da cidade, aproveitando a nova liberdade de circulação permitida neste primeiro ano sem guerra.

Num apelo conjunto, as diversas confissões religiosas pediram que o mesmo espírito que presidiu às conversações de dois anos na Comunidade de Santo Egidio se mantenha.

«Pedimos que este mesmo espírito anime todos quantos têm o poder de defender a paz em Moçambique, para que ela seja duradoura e estável, para que se apresse a aplicação plena do AGP», lê-se no «Apelo à Paz».

Essa foi também a tônica da intervenção do principal artesão do sucesso das conversações de Roma, D. Matteo Zuppi, da Comunidade de Santo Egidio.

«Queremos aqui dizer-vos que continuaremos a estar convosco, com o pouco que temos, com a nossa amizade e disponibilidade» — acrescentou Zuppi.

O presidente moçambicano considerou a paz «uma oportunidade» para reconstruir o que foi destruído pela guerra e fez da nação um dos países mais pobres do Mundo.

«O povo moçambicano há 30 anos que conhece a guerra, primeiro para se li-

bertar da agressão colonial» e depois vítima de «agressões multiformes a que éramos alheios» — afirmou Chissano — que no seu discurso nunca se referiu à Renamo.

«O Governo não se poupará a esforços para que a paz, que está a ser uma realidade, fique perenemente na nossa sociedade» — garantiu o chefe de Estado.

O secretário-geral da Renamo, Vicente Ululu, que afirmou não ir fazer 'discursos políticos' mas para 'orar', declarou que o seu movimento queria uma paz 'com justiça', «porque de contrário não seria uma verdadeira paz».